

ARTES E COMUNICAÇÃO: SENTIDOS E USOS CONSTRUÍDOS POR PROFESSORES COM O AUDIOVISUAL NAS AULAS DE ARTES⁹

ARTS AND COMMUNICATION: MEANINGS AND USES CONSTRUCTED WITH THE AUDIOVISUAL IN THE ART CLASSES

ARTES Y COMUNICACIÓN: SENTIDOS Y USOS CONSTRUIDOS POR PROFESORES CON EL AUDIOVISUAL EM LAS CLASES DE ARTES

*Adriana Hoffmann Fernandes

**Jamila Guimaraes da Silva

RESUMO: Este artigo apresenta um levantamento dos usos do audiovisual por professores de artes. Através de entrevistas autobiográficas, os professores trouxeram suas experiências de vida ligadas à arte e ao audiovisual. A experiência, por sua vez, neste trabalho, é percebida como aquele momento relevante na vida dos sujeitos, em que algo que lhes sensibilizou os marcou a ponto de tornarem-se lembranças fortemente presentes. Percebemos que o audiovisual é trabalhado pelos professores entrevistados de diferentes formas, com diferentes propostas e intenções.

PALAVRAS-CHAVE: Professor de artes. Audiovisual. Usos do audiovisual.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo temos como objetivo apresentar parte dos achados de uma pesquisa de mestrado realizada dentro do projeto institucional do grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação) que visava investigar os processos formativos dos professores de Arte com o audiovisual. Para discutir essa relação entre arte e audiovisual esse artigo inicia trazendo uma reflexão que relaciona as duas áreas mostrando de forma visível o quanto estas são cada vez mais imbricadas no nosso cotidiano.

Dia após dia, estamos sempre em contato com o audiovisual nas diferentes situações vividas e basta andar nas ruas para perceber isso. Estamos a todo o momento em contato com alguém de olhos e ouvidos atentos ao seu *smartphone*. Enquanto aguardamos uma consulta ou exame em uma clínica, estamos acompanhados de um aparelho de televisão, que ora informa, ora entretém, mas está sempre ligado. Estamos sempre conectados a imagens em movimento, sempre processando uma nova informação, sempre compartilhando algo interessante ou

*Professora adjunta da UNIRIO com atuação em cursos de graduação e pós-graduação. Doutorado e Mestrado em Educação e mídia. Coordenadora do grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação). E-mail: hoffadri58@gmail.com

**Professora de artes do Município do Rio de Janeiro e de Caxias. Mestre em educação (UNIRIO). Licenciada em Artes Plásticas (UFRJ). E-mail : jami.mila@gmail.com

engraçado, algo que atenda à nossa necessidade naquele momento. Parece que o que era contado por nossos antepassados através de histórias orais e depois escritas, nos é contado hoje de outra forma através de novos suportes, principalmente os audiovisuais. A nossa capacidade narrativa se modifica na medida em que o homem e o mundo à sua volta vivem mudanças. Hoje, nossas narrativas podem ser dar pela oralidade e pela imagem, ainda que seja de forma distante, podendo ser um áudio enviado através de aplicativos de comunicação ou por um vídeo compartilhado em uma rede social. Continuamos contando histórias, mas a forma de multiplicá-las mudou. Lucia Santaella em seu artigo *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* (SANTAELLA, 2006) aponta a configuração das culturas humanas em seis eras civilizatórias: “a era da comunicação oral, a da comunicação escrita, a da comunicação impressa, a era da comunicação propiciada pelos meios de comunicação de massa, a era da comunicação midiática e, por fim, a era da comunicação digital.” (SANTAELLA, 2006, p. 29).

Após a Revolução Industrial, a comunicação se produz de forma massificada e estabelece novas formas de comunicar rompendo com algumas barreiras, unindo artes e comunicação, conforme discutiremos mais adiante. Quando a informação, a imagem, o som, o vídeo possuem uma distribuição mais rápida e ampla disponibilização, estes produtos tornam-se mais acessíveis a todos, ampliando, assim, o seu consumo. Desta forma “os meios de comunicação, fortemente ligados aos modos de produção de uma sociedade, criam novos ‘ambientes culturais’ e novos suportes para os conteúdos simbólicos, que podem ser livros e jornais, por exemplo, ou a fotografia, o cinema e a televisão, esses últimos representando o ‘apogeu da comunicação massiva’ (SANTAELLA, 2006, p.30). Dentro desse contexto, a televisão e o cinema seriam os principais responsáveis pela circulação de imagens (audiovisuais ou não) e informações, relacionando-se intimamente com os movimentos de massa, ampliando assim o crescimento da propaganda e do consumo de bens materiais. Na medida em que a circulação de imagens se intensifica, intensificam-se também a distribuição de imagens de produções artísticas, tornando-as acessíveis a todos, inclusive àqueles que não teriam a oportunidade de ter um contato com elas fisicamente.

Em nosso contexto atual de configuração das culturas, estamos vivendo a era da comunicação digital, onde a velocidade é a grande aliada no processo de circulação de informações e conteúdos, dentre eles, a Arte. Sendo o produto artístico composto predominantemente por imagens, a sua circulação – ampliada especificamente após a

Revolução Industrial – tornou-se interligada à comunicação justamente pelos usos que pode fazer a partir dela e vice-versa. Ampliou-se o que Walter Benjamin (2012) refletia sobre a reprodutibilidade da obra de arte. Isso porque além da ampla circulação da obra de arte em si, esta circulação permitiu que a comunicação se apropriasse dela (quando não da obra em si, da sua linguagem) da mesma forma que a arte apropriou-se da comunicação.

Entendendo esse entrelaçamento entre arte e audiovisual a pesquisa procurou perceber que relações os professores pesquisados tinham com os dois e como essas relações apareciam ou não nas suas práticas em sala de aula como professores de artes. O retorno dos sujeitos da pesquisa trouxe os diferentes modos pelos quais os professores se apropriam do audiovisual nas aulas de artes. E, dessa forma, até mesmo nos permitiu perceber as práticas que se repetem podendo fazer um levantamento, mesmo que inicial, dos usos que estes sujeitos fazem da linguagem audiovisual e suas concepções em relação a esta a partir das práticas trazidas por esse grupo pesquisado.

A pesquisa aqui relatada foi realizada com professores de artes em entrevistas autobiográficas nas quais eles narravam suas formações, experiências e sentidos nas relações que estabeleciam com o audiovisual em suas atuações com as artes dentro e fora da sala de aula. A entrevista autobiográfica foi o método escolhido por permitir que, através de entrevistas abertas, fosse possível colher informações possibilitando o aprofundamento das questões propostas fazendo com que o sujeito pudesse discorrer sobre determinado assunto de forma livre, norteado apenas por questões geradoras (BONI; QUARESMA, 2005). Nesse artigo, no entanto, o foco de reflexão escolhido foi o das atuações narradas por quatro docentes em sala de aula sobre como percebiam e relacionavam arte e audiovisual nas suas práticas em sala de aula. Entendemos que as experiências narradas pelos professores contam sobre suas vivências com arte e com o audiovisual.

PRÁTICAS COM/A PARTIR DO AUDIOVISUAL

*A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Manoel de Barros*

Enxergar além do que se vê nos parece uma das variadas competências desenvolvidas pelos professores de Arte, quando pensamos as multiplicidades produtivas – e inventivas – de que são capazes. Sempre buscam meios e metodologias nem sempre fáceis em seus cotidianos escolares, como poderemos ver agora. As narrativas dos professores sobre como se dão os usos do audiovisual em suas aulas e como são os processos de elaboração de trabalhos com/a partir dessa linguagem nos trazem inúmeras questões e apontam diferentes formas de buscarem sentido para as relações entre arte e audiovisual.

A pesquisa aqui trazida tinha como objetivo perceber – principalmente – as relações dos professores de artes com o audiovisual no sentido de formação e produção. No decorrer da pesquisa foram percebidos vários usos do audiovisual feitos pelos professores de artes que nem sempre visavam apenas à produção. O contato com esses professores trouxe a diversidade de possibilidades existente em suas práticas. Trazemos nesse artigo que usos/práticas eles construíam com o audiovisual em sala de aula e as reflexões advindas destas.

Entendemos que, como parte de compreensão dos processos de produção com/a partir dessa linguagem, é preciso saber um pouco mais sobre os objetivos desses professores ao escolherem trabalhar com essa linguagem em suas aulas, já que para os que irão trabalhar com a produção, é necessário antes um momento de apreciação e fruição, pois pelo que se percebe a criação está diretamente ligada às condições sob as quais os sujeitos têm contatos com diferentes produções imagéticas, conforme nos afirma Ana Mae Barbosa (2008; 2012) quando aponta essa necessidade para o professor de artes. Podemos pensar da mesma forma que quando nos preocupamos com a formação do artista preocupamo-nos também com a formação dos nossos alunos pensando como a promoção dos mais diferentes códigos de linguagens é capaz de sensibilizar esteticamente a todos. Cada cultura possui seu próprio referencial no que diz respeito a esses códigos e as construções feitas a partir de suas relações, sempre mutáveis, convergem para o que Canclini (2005) define como interculturalidade. Entendemos que as diferenças e as semelhanças são componentes dessa amálgama cultural que, entre outros aspectos culmina na produção artística de um grupo social.

Pretendemos utilizar como principal referência teórica desse debate os textos da artista Fayga Ostrower (2007), onde em seu livro *Criatividade e processos de criação*, nos apresenta um enfrentamento ao problema da criatividade enquanto reflexão teórica e como experiência

vital da artista, cabendo aqui como suporte para análise já que os sujeitos investigados sendo professores de Artes atuam nesses dois campos: o de reflexão e o da prática artística.

Fayga nos permite entender o potencial criador do ser humano como elaboração através do trabalho (OSTROWER, 2007). Ela nos diz que “a criação se desdobra no trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas. Nem na arte existiria criatividade se não pudéssemos encarar o fazer artístico como trabalho, como um fazer intencional produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver” (OSTROWER, 2007, p. 31). Assim, podemos compreender que o trabalho artístico demanda certa compreensão dos limites e possibilidades dentro do fazer, ou seja, da produção. Como ela nos diz:

Toda atividade humana está inserida em uma realidade social, cujas carências e cujos recursos materiais e espirituais constituem o contexto de vida para o indivíduo. São esses aspectos, transformados em valores culturais, que solicitam o indivíduo e o motivam para agir. Sua ação se circunscreve dentro dos possíveis objetivos de sua época. Assim, o conceito de materialidade não indica apenas um determinado campo de ação humana. Indica também certas possibilidades do contexto cultural, a partir de normas e meios disponíveis. Com efeito, para o indivíduo que vai lidar com uma matéria, ela já surge em algum nível de informação e já de certo modo configurada – isso, em todas as culturas; já vem impregnada de valores culturais. (OSTROWER, 2007, p. 43)

Entendemos a *materialidade* da qual nos fala a autora como as produções humanas – não apenas as artísticas – e a partir desse entendimento podemos mais uma vez perceber como o meio onde vivemos influencia nossas práticas, favorecendo – ou não – possibilidades de formação estética e humana. Pudemos perceber quatro usos distintos para o vídeo a partir do que nos trouxeram os professores nessa pesquisa: o uso instrumental, o uso como linguagem artística, uso como momento de pausa tanto como descanso ou como fruição e uso como mediação para se conhecer obras de Arte. Trazemos a seguir esses usos e nossas percepções sobre eles.

O AUDIOVISUAL COMO “RECURSO” – USO INSTRUMENTAL

Porque tudo é se educar. [...] Sempre me perturbou um pouco quando eu vou levar um filme pra uma turma, pra trabalhar alguma coisa, geralmente trabalhar o filme inteiro porque às vezes não dava tempo, então eu sempre fazia uma opção pelo curta. Mas eu acho que é possível você pegar um filme, pegar uma cena e mostrar e trabalhar aquele filme. Que se houver interesse, o aluno pode depois pegar aquele filme numa locadora, assistir em casa. Então eu acho que *o audiovisual é mais um recurso*. (professor Antonio)

O uso instrumental diz respeito à função do audiovisual como reforço de conteúdo ou como forma de chamar atenção para aquilo que se deseja transmitir durante a aula como aponta o professor Antonio na fala acima. Esse parece ser o uso mais comum segundo o relato dos professores: o do audiovisual como recurso. “Acho que o vídeo como instrumento didático tem um lado que frisa mais a atenção deles [...]”. Diz-nos o professor Raphael ou como conta a professora Rosiane que afirmou que o audiovisual escolhido “[...] tinha a ver com algum assunto que estava trabalhando”.

Monica Fantin nos aponta que “devido à riqueza potencial formativa do cinema, essa dimensão do recurso é inevitável, pois faz parte da natureza de sua inserção na escola, mas o problema é quando o cinema se reduz no espaço formativo a isso, como ocorre na maioria das vezes” (FANTIN, 2006, p. 7). Dos quatro professores entrevistados, três fazem uso da linguagem fílmica como recurso para suas aulas. Mas é importante perceber que os usos do audiovisual nas aulas de Artes vão *além* disso. Mesmo dentro desse uso instrumental, pode-se perceber que o caráter narrativo do audiovisual se faz presente, assumindo papel relevante na prática docente, pois *conta* de outra forma, com outros repertórios. Quando a professora Thaís diz que o “vídeo abria um leque pra várias coisas dentro de um tema”, nota-se a potência dessa linguagem em possibilitar novos diálogos e novas pontes no ensino de Arte. Alguns dos depoimentos dos professores pesquisados trazidos abaixo revelam claramente que esse uso instrumental é o utilizado por boa parte dos professores.

Mas eu acho que o vídeo super contribui e eu acho que tem muitos modos de usar: você pode passar vídeo de um minuto e gerar debates eternos e você pode passar um filme inteiro que você conversa na aula seguinte. Existem muitas possibilidades de trabalhar com vídeo. E tinha essa aula que eles faziam sempre, eles faziam os trabalhos em vídeo e nessa última aula do semestre a gente via os trabalhos juntos e conversava sobre os trabalhos, isso era bacana, virava uma exibição de curta. Você via as reações, vias as críticas, uns falavam que gostavam, outros falavam que não entendiam, era uma coisa bem interessante. (professor Raphael) Eu tenho os exemplos das aulas que eu dou. E eu lembro que um ano eu usei o filme *Os Croods*¹. Eu falei sobre máscara; eu falei sobre arte rupestre; eu falei sobre a relação da família, como era e como é, como é que ela está se transformando. Então uma animação me *deu bagagem para trabalhar várias coisas, durante muito tempo*. (professora Thaís)

¹ Longa metragem de animação de 2013 ambientado na pré-história. Direção: Kirk DeMicco e Chris Sanders.

² Documentário lançado em 2012 que trata da vida e obra da artista-performer Marina Abramovic. Direção: Mathews Akers.

³ Documentário lançado em 2012 que trata da vida e obra da artista-performer Maria Abramovic. Direção: Mathews Akers

O AUDIOVISUAL COMO FALA DO ARTISTA – POR ELE MESMO

Outro uso percebido foi o audiovisual como forma de aproximação dos artistas aos seus espectadores, permitindo assim o “diálogo” entre os dois, de forma a promover outro tipo de interação com a obra e com o artista. Esse tipo de uso foi percebido na fala de um dos professores da pesquisa, o professor Raphael, que comenta:

Agora outra questão que eu acho que tem é que eu acho que *o audiovisual permite que os artistas falem*. Então por exemplo, se eu não posso levar a Marina Abramovic para a sala de aula, eu vou passar o longa dela e eles vão ter uma relação com a Marina que é ímpar. Por exemplo, “O artista presente” da Marina³ eu mostrei milhões de vezes em 2014/2013. É um longa-metragem que tem uma repercussão catártica, as pessoas choram vendo aquele filme. (professor Raphael)

A narrativa trazida aqui por esse professor nos faz refletir sobre o lugar do audiovisual como um momento de sensibilização através não só da arte, mas da configuração narrativa do filme, em que, nesse caso específico, a emoção é fator de estreitamento nas relações fruidor/arte/artista fazendo-os perceber e ter contato de perto com a obra do artista por ele mesmo tendo o audiovisual atuando como mediador dessa aproximação entre o artista, sua arte e o espectador, nesse caso, o aluno. No texto “Frida e a Industrialização da cultura” Canclini (2011) analisa o que se perde e o que se ganha quando uma obra de arte passa a fazer parte de um programa de TV. Poderíamos perguntar o que se modifica quando essa obra que pode ser vista “ao vivo” é filmada e reproduzida milhares de vezes? Benjamin (2012) nos fala da obra de arte em sua reprodutibilidade como perda da aura pelo processo de reprodução, mas nesse caso como trazido pelos professores, os audiovisuais feitos sobre a obra de um artista tem a intenção de dar-nos a possibilidade de conhecer melhor o artista. Aproximarmos dele. Ou como nos diz Canclini (2011), através do acesso a essas obras pelos meios de comunicação antes de conhecermos a obra em si eles convocam-nos a “embrulhar em série as experiências, mas também convocam para o inesperado”, relações que as pessoas podem fazer entre as filmagens e imagens da obra e a obra como ela é. Mesmo que seja uma videoarte feita pelo artista ela não é o artista, mas fala dele. Lidar com essas inter-relações entre obra e artista e formas de representar e dar sentido a elas é o debate que pode ser gerado nesse tipo de prática proposto pelos professores.

O AUDIOVISUAL COMO LINGUAGEM – CINEMA COM CELULAR?

Apesar de todos os professores fazerem uso e incentivarem seus alunos a criarem trabalhos com audiovisual, o único professor que aborda o seu aspecto técnico é o Antônio. Este professor desenvolve um trabalho de contextualizar o audiovisual historicamente, apresentando as primeiras formas de produção de imagem em movimento e produzindo desde esses conhecimentos mais primários até chegar à produção em *stop motion*. Vemos aqui o audiovisual como linguagem artística, onde seus modos de produção e conceitos específicos como cenário, som e suas relações são trabalhados e discutidos durante as aulas desse professor. Quando o professor Antonio afirma buscar apresentar aos alunos todo tipo de produção audiovisual – desde as amadoras até as profissionais – nos indica uma preocupação em disponibilizar diferentes leituras possíveis dentro dessa linguagem, não priorizando algumas produções em detrimento de outras e mostrando que é possível produzir algo sem muitos recursos financeiros ou tecnológicos como ele nos diz:

Hoje em dia minha aula existe porque a gente tem um mundo tecnológico, tem uns artefatos que possibilitam você fazer um monte de coisas na escola ou fora da escola sem precisar de grandes câmeras, grandes aparelhagens. É uma coisa que eu digo: a gente fazer cinema com celular ou pegar uma câmera fotográfica digital ou uma webcam ou uma filmadora, uma hiper filmadora, o importante é a ideia. Agora, claro cada equipamento, cada artefato desses tem a sua limitação, então você deve explorar ao máximo. (professor Antonio) A partir desta fala podemos concluir que atualmente há maior facilidade de acesso aos recursos, principalmente por meio dos dispositivos móveis, que permitem a filmagem, a edição, enfim, todo aparato tecnológico que permite a produção fílmica que possibilitam que esse tipo de trabalho seja possível dentro da escola ou fora dela.

Carlon (2016) aponta que a digitalização modificou nossa relação com a TV e o cinema. Sendo assim, já não nos relacionamos com o audiovisual de outra forma que não a partir do digital. O que esse autor discute e que o professor Antônio fala é que através desses “recursos tecnológicos” você tem a possibilidade de ter outra relação com a linguagem e tem também a possibilidade de torná-la mais próxima dos sujeitos.

O AUDIOVISUAL COMO POSSIBILIDADE DE PAUSA/FRUIÇÃO/EXPERIÊNCIA

No cotidiano do trabalho em escola, o audiovisual algumas vezes é utilizado nas aulas – não somente nas aulas de Artes, mas em todas as disciplinas e segmentos – como um momento de descanso do professor. Nessa pesquisa não foi diferente. É notoriamente sabido o desgaste físico do profissional de educação principalmente no nosso contexto social, e como seres humanos o descanso deve se fazer presente, mas o uso seja do filme ou do vídeo tem

aqui o sentido não apenas do “parar de falar”, mas também de observar as reações dos estudantes mediante a imagem que se apresenta a eles, conforme nos aponta o professor Raphael. Quando Larrosa compara o saber da informação com o saber da experiência (LARROSA, 2002, p. 22), é possível estabelecer um paralelo com esse momento específico da aula: quando o professor fala (transmite um conhecimento) e quando o estudante assiste ao vídeo/filme, quando existe a possibilidade de que algo aconteça a ele quando assiste àquele conjunto de imagens, já que o audiovisual tem como característica o “chamar a atenção”. Essa chamada torna-se um momento de pausa, um momento de deixar-se permitir experimentar outra sensação ou transferir-se para um espaço outro que não o da sala de aula. Ou seja, nas palavras desse autor “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2002, p. 24) .

Além disso, o professor Raphael percebe que “os alunos prestam mais atenção do que a projeção de imagens, tipo slide, Power Point, o vídeo cria... O cinema tem essa coisa de todo mundo quer ver, debater, quer falar gostou ou não gostou tipo um YouTube da vida. E eu fazia isso que era um modo de eu descansar também na aula”. O momento de pausa também é percebido na fala da professora Thais quando fala do cineclube como um espaço em que os alunos aprenderam a agir diferente do que era feito na sala de aula, aprenderam a fazer uma pausa diferente da vivida em sala de aula.

E eu vejo ano passado, quando teve esse cineclube que foi um pouco mais intenso, que tinha uma programação certinha, era gente de fora e era interessante que ela tinha uma abordagem um pouco diferente da gente. Ela direcionava muito mais eles do que quando são as professoras que estão acostumadas a fazer o cineclube, elas direcionam menos [...] e aí a gente *via uma mudança no comportamento do aluno*. Então isso aconteceu em abril... Alunos que em fevereiro, março, não queriam muita coisa com a vida, a gente tinha certa exigência, esses alunos mudaram o comportamento até dentro de sala de aula, no horário diferente do cineclube. (professora Thaís)

Assim, pelo que dizem os investigados, o professor tem duas experiências no que diz respeito à fruição na sala de aula: aquela quando ele assiste determinada produção audiovisual e decide utilizá-la em sua aula e assim ele tem uma experiência específica e quando ele assiste novamente com seus alunos, e a experiência é renovada a partir das reações percebidas ao longo da exibição e a partir dos comentários tecidos em eventuais debates acerca do que foi

mostrado. E tem ainda uma terceira experiência fora do contexto da sua aula quando assiste num cineclube organizado por pessoas externas a escola como mostra a fala da professora Thais, fora de seu planejamento e percebe as reações e comportamentos de seus alunos nesse momento. A pausa aí tem as diferentes percepções em relação ao aluno e ao professor. O uso do audiovisual pode possibilitar a pausa da fala e do olhar para os dois, cada qual de uma forma.

O AUDIOVISUAL COMO MEDIADOR DO ACESSO À OBRAS ARTÍSTICAS

Outra possibilidade de uso do audiovisual trazida por eles é a de permitir o acesso a produções artísticas das quais seria possível sua fruição apenas através da presença no espaço onde ela acontece, ou através de um vídeo sobre a mesma, claro, considerando que as experiências não serão as mesmas, pois a atmosfera onde se desenvolve determinada obra conta muito para a experiência estética e artística dessa mesma obra. Num mundo cada vez mais dominado pela imagem (BARBOSA, 2012) torna-se imprescindível a alfabetização para a leitura de imagem. É através da leitura de obras de artes plásticas que “estaremos preparando o público para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema, da televisão e dos CD-ROM o prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento” (BARBOSA, 2012, p. 36). Com os entrelaçamentos entre o audiovisual e a Arte, os limites entre um e outro estão cada vez mais tênues. Além de funcionar como registro de uma produção artística, possibilitando a aproximação do público com determinada obra, temos ainda a *videoarte* que opera com códigos visuais distintos, cujo produto artístico é o vídeo em si, e sua materialidade só se dá nesse suporte. A *videoarte* surge do barateamento e da difusão do vídeo no fim da década de 1960, e traz novos elementos sobre o fazer artístico, abrindo novas possibilidades para o olhar, algo entre a projeção cinematográfica e a observação como ela acontece numa exposição de Arte². Neste caso, o audiovisual opera como mediador onde segundo Alain Bergala “os filmes-arte possibilitam um confronto do aluno com uma forma de alteridade a qual este não teria acesso noutra espaço [...]” (BERGALA *apud* FANTIN, 2006, p. 4). As formas de interação que o vídeo permite são portas para se dialogar também sobre o lado humano e social da Arte, além de

² ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. Videoarte. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3854/videoarte?utm_source=videoarte&utm_medium=/termo3854/videoarte&utm_campaign=pagina_busca. Acesso em: março de 2017.

aproximar os alunos dos artistas com os quais são, na maioria das vezes, mais familiarizados com suas obras do que com seus criadores.

Eu acho que tem o uso que é primeiro exemplificar trabalhos que são em audiovisual. Isso é uma coisa. Você vai mostrar um Bill Viola você vai mostrar um trabalho do Bill Viola, você não vai mostrar um frame como num livro sobre o Bill Viola. (Professor Raphael)

Nesse caso vemos o vídeo como obra de Arte, da mesma forma que uma pintura ou uma escultura. O vídeo permite ainda envolvimento com os processos de criação da obra de Arte, como nos diz o professor Raphael:

[...] Mostrar o “Lixo extraordinário” do Vik Muniz, por exemplo que tem esse lugar de documentar o processo de criação e da fala do artista [...] e também tinha isso do documentário, de exemplos de obras e também era um modo de mostrar algumas obras tridimensionais que o vídeo mostra muito melhor do que a foto.

Essa seria outra forma de mediação promovida pelo vídeo, em que insere quem o assiste no contexto de criação e produção de uma obra de Arte.

No caso específico do filme “Lixo Extraordinário”³, o espectador é convidado a conhecer o processo de elaboração de uma série de trabalhos do artista Vik Muniz, desde o conhecimento do território onde ele pretende trabalhar, passando pelo momento de pesquisa de materiais e possibilidades do fazer artístico, da concretização das obras e exposição das mesmas.

O vídeo trabalha aqui, como mediação no sentido que nos aponta Barbero (2013), ou seja, na articulação da comunicação do vídeo com os sujeitos, que o diálogo com a produção audiovisual torna-se possível, trabalhando junto com o que cada espectador-aluno traz de repertório, já que “na obra de arte, qualquer que seja o estilo e a época, transparece uma tomada de consciência ante a realidade vivida, ainda que o indivíduo formule sua experiência em termos subjetivos” (OSTROWER, 2007, p. 125).

CONSIDERAÇÕES SEMPRE INICIAIS

Os diferentes usos trazidos aqui nesse artigo apontam que a relação dos professores de artes com o audiovisual em seus usos em sala de aula é mais complexa do que se imagina. Assim, como apontam todos esses usos, as relações de fruição e reflexão tanto com a arte

³ Filme biográfico/documentário lançado em 2010. Direção: Lucy Walker.

quanto com o audiovisual têm interferência nos modos de produção dos professores. De forma geral, o uso mais comum do audiovisual nas salas de aula – em todas as disciplinas – é como forma de entretenimento, passatempo em seu caráter instrumental. Quando se pensou em investigar o professor de artes, imaginamos encontrar outros usos mais presentes do que esses. Encontramos realmente, mas de todos os usos levantados, o uso como “recurso” é o recorrente na prática de todos. De fato, todos os professores demonstram que utilizam o audiovisual como recurso pedagógico de apoio à disciplina, isso parece comum aos professores de uma forma geral não somente aos professores de artes que foram o foco nessa pesquisa. A principal justificativa, segundo os professores da pesquisa, é a de que o vídeo “chama a atenção” dos estudantes. Existe outra forma de lidar com o vídeo por parte dos alunos, que talvez diga respeito até mesmo ao distanciamento dessa linguagem na escola, visto que ela é ainda pouco utilizada a partir do que foi demonstrado inicialmente na pesquisa pelos professores que não quiseram participar da mesma por entenderem que não trabalhavam com audiovisual em suas aulas. Mas além do uso instrumental do audiovisual, pensado para contextualizar algum conteúdo, ou explicá-lo, existem outros usos. Um deles é o como linguagem artística, no sentido da produção e elaboração de vídeo, entendendo ainda o vídeo como um suporte, tal como agiria uma tela para a pintura ou a argila para a escultura. Como pausa, entendendo essa pausa como um descanso e renovação da experiência no momento em que ela torna-se outra ao ser compartilhada em outro espaço.

Como nos diz Larrosa (2002), sobre a experiência ser resultado de que algo nos toque e nos sensibilize, é necessário esse momento de pausa e reflexão sobre as obras de arte como o decidam fazer os professores. Pensemos um mesmo filme visto em três circunstâncias diferentes: numa sala de cinema, pelo computador em casa e na sala de aula. Mesmo que o filme seja o mesmo, as motivações e situações em que a exibição ocorre proporcionam experiências diferenciadas. Escolher um filme seja pelo enredo, pelo diretor ou pela temática; locomover-se até a sala de exibição, comprar pipoca, ficar na fila, escolher o assento; isso implica em uma relação corporal ritual e afetiva com o filme. Ao decidir por ver o mesmo filme em casa, dentro do seu quarto as motivações já serão outras, incluindo já estar pensando em apresentá-lo como material para aula, podendo direcionar o olhar ou para o conteúdo ou para a parte estética, ou mesmo para ambos. E, por fim, exibir um filme para uma turma de 30, 40 alunos, proporciona outra relação totalmente diferente das anteriores, onde a atenção se

divide entre a narrativa do filme, as reações dos estudantes e às expectativas – atendidas ou não – acerca da aceitação/crítica dos estudantes.

O debate gerado a partir das impressões sobre o filme também altera a perspectiva do professor em relação a ele. Assim, mesmo que o professor tenha vivenciado as três experiências exemplificadas aqui, cada experiência terá sua particularidade. Um outro uso muito percebido foi o do vídeo como mediador para se conhecer obras de arte, sendo elas produtos audiovisuais ou não. Nesse caso, o audiovisual permite uma aproximação e entendimento de obras que – sem ele – apenas se teria acesso pessoalmente. Novamente, são experiências distintas. Tomando como exemplo uma performance, vê-la no local onde ela ocorre e vê-la através de um vídeo produz sensações diferentes, mas o vídeo permite uma aproximação que a imagem estática não proporciona. Há de se pensar ainda as obras que são pensadas para serem vídeos, como é o caso da videoarte. Essa última talvez seja a linguagem artística que mais pode se aproximar de sua audiência, já que ela pode ser disponibilizada nos mais diversos suportes e hospedada em sites para que seja acessada de qualquer lugar a qualquer momento.

Canclini (2005) pode dialogar conosco ao abrir possibilidades de reflexão enfocando a cultura na ótica da interculturalidade, entendendo-a como um processo de mudança e não como um “pacote de características fixas”. Por esse motivo, o autor opta por nomeá-la pelo adjetivo, tal como discute Appadurai (*apud* CANCLINI, 2005), já que o adjetivo traz de forma mais abrangente esse sistema de relações de sentido que identificam “diferenças, contrastes e comparações” que compõem “o cultural”. Ao propor estudar *o cultural*, o autor abarca um conjunto de processos, através dos quais dois ou mais grupos representam e intuem imaginariamente o social, concebem e geram as relações com os outros. Pensando esses processos, relacionamos ao pensamento de Ostrower (2007) no que diz respeito à competência criativa do ser humano como consequência da sua reflexão e da sua prática. Quando os professores elegem a forma como irão abordar o audiovisual em suas aulas, existe uma reflexão que possui um significado teórico e intencional para eles. Após o momento da exibição dos filmes inicia-se o processo de ebulição da criatividade: o que fazer com as novas informações? De que forma essas informações podem convergir para a prática artística? Temos em mente que, independente do uso escolhido pelo professor, o filme como experiência trará elementos a serem incorporados na bagagem cultural da sua audiência e como vemos é um elemento sensibilizante, é abertura para o desencadeamento da criação, e

da produção artística. Audiovisual e arte complementam-se de forma visível nas práticas dos professores e nos permitem perceber tais relações em nuances que somente as práticas deles nos fizeram pensar.

ARTS AND COMMUNICATION: MEANINGS AND USES CONSTRUCTED WITH THE AUDIOVISUAL IN THE ART CLASSES

ABSTRACT: This article presents a survey of the audiovisual uses by art teachers. Through autobiographical interviews, teachers brought their life experiences related to art and audiovisual. The experience is seen as an important moment in the life of the subjects where something that touched them left marks and became strongly present memories. We realized that the audiovisual is used by these teachers in different ways, with different proposals and intentions.

KEYWORDS: Art Teacher. Audiovisual. Audiovisual uses.

ARTES Y COMUNICACIÓN: SENTIDOS Y USOS CONSTRUIDOS POR PROFESORES CON EL AUDIOVISUAL EM LAS CLASES DE ARTES

RESUMEN: Este artículo presenta un levantamiento de los usos del audiovisual por profesores de artes. A través de entrevistas autobiográficas, los profesores trajeron sus experiencias de vida respecto al arte y al audiovisual. Se percibe la experiencia, por otro lado en este trabajo, como el momento relevante en la vida de los sujetos, en el que algo que les haya sensibilizado les marcó a punto de convertirse en recuerdos fuertemente presentes. Observamos que los profesores entrevistados usan el audiovisual de diferentes maneras, con diferentes propuestas e intenciones.

PALABRAS CLAVE: Profesor de artes. Audiovisual. Usos del audiovisual.

REFERÊNCIAS

BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, A. M. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2008.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese*, Florianópolis: v. 2, n. 1, jan./jul., 2005.

CARLON, M. *Después del fin: una perspectiva no antropocêntrica sobre la post-tv, el post-cine e YouTube*. Buenos Aires: Ed La Crujia, 2016.

CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANCLINI, N. G. Frida e a industrialização da cultura. *Revista Comunicação e Cultura*, Lisboa: BonD, n. 12, Outono-Inverno, 2011.

FANTIN, M. Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 6. 2006. *Anais...* Brasília: Intercom, 2006.

FRANGE, L. B. P. Pesquisas no ensino e na formação de professores: caminhos entre visualidades e visibilidades. In: RIBEIRO, J. M. B. (org.). *Trajetória e políticas para o ensino das artes no Brasil: anais da XV CONFAEB*. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p.144-161.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

SANTAELLA, Lucia. As comunicações e as artes estão convergindo? *Revista Farol*, n 6, 2005. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11533>. Acesso em nov./2016,

Recebido em novembro de 2016.

Aprovado em março de 2017.